

O COMBOIO DA MEIA-NOITE

Uma viagem
transformadora



Um amor
imparável

MATT HAIG

AUTOR DE A BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE



Lua de Mel

Conforme o táxi aquático atravessava velozmente a lagoa, o casal em lua de mel contemplava, pasmado e com admiração.

Wilbur apertou a mão de Maggie e chegou-se a ela, ambos sentados na parte de trás da pequena embarcação, com o sol a reluzir na água diante deles.

— Eu amo-te, senhor Budd — disse ela, com palavras tão naturais como a sua respiração.

— Eu também te amo, senhora Budd.

Maggie riu-se baixinho perante a sonoridade estranha e oficial daquelas palavras.

Ficaram de mãos dadas enquanto o barco zoava em direção à cidade, de dedos entrelaçados como raízes emaranhadas. Era o dia 9 de agosto de 1974.

Wilbur desviou o olhar da vista que tinha à sua frente e dirigiu-o à pessoa que conhecia desde a infância.

— Vamos ser sempre assim, não é? — perguntou-lhe Maggie. Ele esboçou um sorriso tranquilizador.

— Claro que sim. Porque não haveríamos de ser?

Beijaram-se no ponto em que a lagoa se fundia com o Grande Canal.

— Não sei. O tempo muda as coisas.

— Mas olha para Veneza. Não muda há centenas de anos. Podíamos tão facilmente estar em 1574 como em 1974.

Ela contemplou a cidade.

— Pois é. Vamos ignorar o tempo. Vamos ser Veneza.

Ele observou-a a segurar na sua máquina fotográfica *Pentax*, um presente de casamento do pai dela, e a apontá-la para o Palácio do Doge, com a sua fachada de pedra cor-de-rosa e branca e os arcos intrincados a erguerem-se mesmo por cima da lagoa como um sonho febril bizantino.

— Para sempre — acrescentou Wilbur, a rir.

Ela levou a mão ao cabelo em desalinho dele, que estava no ponto mais comprido que alguma vez atingiria.

— Sim, para todo, todo, todo o sempre...

O barco abrandou um pouco.

— Ali está — disse o barqueiro, apontando para um bonito edifício de terracota, embora ligeiramente decrépito. — O Hotel Proserpina.

Wilbur e Maggie nunca tinham estado no estrangeiro, e aquele cenário parecia exótico e carregado de promessas. E nenhum deles, naquele momento, conseguia ver a figura que os observava da margem, uma figura tão parecida com o próprio Wilbur que teria sido impossível distinguir um do outro.

Uma hora depois, estavam sentados, num silêncio confortável, a beber vinho na esplanada de um café junto ao Grande Canal, observando o bulício da cidade.

Wilbur trazia as mesmas sandálias, as mesmas calças de ganga à boca de sino e a mesma camisa de manga curta verde com um grande colarinho que usara no avião, e Maggie vestia um macacão cor de laranja. Ele disse-lhe que ela parecia uma estrela de cinema e ela pediu-lhe para não ser piroso, mas riu-se na mesma.

Um *vaporetto* cheio de turistas passou a roncar. Maggie começou a recordar a cerimónia do casamento.

— Nunca vi a tua mãe tão contente — disse ela. — Ela não falou no... — Deteve-se, não querendo estragar o momento.

— No Dougie? Pois não. Não falou nele. Nunca vi a minha mãe assim. Pelo menos, desde que tudo aconteceu. Acho que o *gin* lhe deu uma ajuda. O teu pai também...

— Olha só para ti — disse Maggie, sorrindo sob o brilho do sol.

— Olho para mim porquê?

— Reclinado na tua cadeira como se fosses um imperador.

— Estou feliz, é só isso.

— E com razão. É a tua lua de mel.

Wilbur sentiu-a a estudá-lo com mais atenção.

— Não estás a pensar na loja?

Ele abanou a cabeça.

— Por acaso, não — mentiu. Ou disse uma meia-mentira. — Neste momento, não. Só estou a pensar em ti. E esse é um pensamento que me ocupa bastante...

E não era, na verdade, nada de especial naquela altura, este contentamento. Fluía pelos dedos abertos de ambos como um ribeiro, e eles imaginavam que seria sempre assim e que o ribeiro nunca secaria. Limitar-se-ia a correr sem parar e eles nunca teriam de se interrogar sobre a sua proveniência. E nunca teriam de se esforçar para o apanhar com as mãos em concha e beber dele, como se a vida pudesse continuar a ser uma eterna lua de mel.

Depois do vinho, foram a pé até à Igreja de São João Esmoler. Maggie cantarolou, alegremente, um trecho da sua canção preferida, «Bridge Over Troubled Water», enquanto contemplavam a Ponte de Rialto ao longe.

Passaram por casais italianos elegantes. Camisas abertas e vestidos glamorosos. Um artista de rua a tocar acordeão. Um velhote americano a fumar cachimbo e a conversar com um companheiro sobre *jazz*.

— Parece tudo tão diferente, não parece? — comentou Maggie.

Ela olhou para cima e em redor. Para assimilar as cores. Terracota e cor-de-rosa, um toque de amarelo, as persianas azul-escuras, tudo o que era banhado pela luz do sol a parecer que tinha sido pincelado com mel.

— Diferente de quê?

— De tudo aquilo que conhecemos.

Ele riu-se. Nunca se sentira tão feliz. Sentia-se mais feliz do que alguma vez julgara possível, nos tempos mais negros. Simplesmente a caminhar ao longo de um canal, a olhar para a mulher que adorava.

Virou-se para Maggie no momento em que ela exibia um sorriso radiante, cheio de vida. O rosto dela tão aberto e puro como quando se conheceram. E ela também o era. Tão resistente como o aço de Sheffield e tão quente quanto o Sol. Ele sentia-se fascinado por ela. Ela conseguia fazer com que ele esquecesse temporariamente as feridas do seu passado e ele esperava conseguir fazer o mesmo por ela. Ele não tinha querido apaixonar-se por ela, nem por ninguém. O amor era algo perigoso. Mas agora que tinha acontecido, sentia-se grato. Sentia-se completo com ela, como uma pergunta que encontrara a sua resposta.

Wilbur travou Maggie para lhe dar um beijo quando estavam prestes a subir os degraus da Ponte de Rialto.

— Podíamos mudar-nos para cá — disse ele.

Alguns minutos depois, passaram por uma banca de livros na ponte.

— Eu podia vender a loja.

Ele estava a brincar. Afinal, tinham acabado de ali chegar. Mas também, de certa forma, estava a falar a sério. A falar a sério no sentido de estar a estabelecer uma ligação a algo livre e espontâneo dentro de si.

— O que faríamos? — perguntou Maggie, deixando-se levar pela fantasia.

— Tu podias ser uma artista... ou fazer visitas guiadas artísticas.

— E tu podias montar uma pequena banca de venda de livros, como aquela que havia lá atrás na ponte.

Foi então que Wilbur ouviu o murmúrio. Um som perto do seu ouvido. Uma respiração fria.

Não largues esta ideia.

Isso fez com que Wilbur sacudisse a orelha com a mão.

— Estás bem, querido? — perguntou Maggie.

— Oh, sim. Foi só um mosquito ou coisa do género.

E não voltou a pensar no assunto. Às vezes, os pensamentos soavam mais alto. Era só isso.

Pegou na mão de Maggie e apertou-a. Com aquele calor, sentia-se levemente atordoado e desconcertado por entre a multidão, mas continuava a sentir-se mais feliz do que nunca.

Continuaram a caminhar, mas rapidamente houve mais qualquer coisa que chamou a atenção de Wilbur. Algo que não podia ser desconsiderado. Maggie olhou para ele com uma expressão preocupada. Talvez ela achasse que ele estava a pensar no irmão. Mas não. Diante deles, debaixo da arcada, ao lado de uma lojinha que vendia esculturas em vidro, encontrava-se uma imagem tão estranha que encheu Wilbur de pavor.

Um homem, levemente desenhado no ar. Não transparente, mas não totalmente lá. Era o homem que os tinha visto a chegar, só que, desta vez, deixava-se ver. Um homem sinistramente parecido com o próprio Wilbur. Um duplo. As mesmas sandálias, as mesmas calças de ganga à boca de sino, a mesma camisa de manga curta verde com os colarinhos compridos. O cabelo em desalinho e as patilhas grandes. A figura esguia de um metro e oitenta. O Wilbur com 29 anos daquele agosto de 1974. Aquele que tinha o mundo na palma da mão.

Esse tal outro Wilbur pareceu reparar que tinha sido visto e acenou, como se fosse a coisa mais natural do mundo. Wilbur ergueu ligeiramente a mão.

— Wilbur, estás bem? — perguntou Maggie, preocupada.

Ele não a queria perturbar. Abanou a cabeça.

— Sim. Estou só a ficar um bocadinho esquisito da cabeça por causa do calor.

— Anda daí, miúdo — disse ela, exagerando a própria pronúncia. — Precisas de uma boa igreja fantasmagórica e algum Ticiano, para poderes ficar pasmado a babares-te.

Ele riu-se. Contudo, conforme ia descendo a rampa, ouviu outra coisa.

Um apito suave, o ruído de um motor ritmado.

Quase como se fosse um comboio a sair de uma estação.

Cinquenta e dois anos depois...

O Fio

Wilbur Budd morreu por volta da meia-noite, mas não se conseguia lembrar muito bem dos pormenores.

Encontrava-se no acesso de gravilha em frente a casa, enquanto se despedia da professora de piano.

— Obrigado — disse, ligeiramente ofegante por ter atravessado a casa toda. — Divirta-se hoje em Cambridge.

A professora de piano abriu a porta de um carro que estava à espera dela. Teria os seus 40 anos. Metade da idade dele. Mas parecia ter já a vida toda organizada. Sorriu, iluminada pelo sol da tarde, quando o jardineiro de Wilbur passou por eles com o seu corta-relva, para tratar do relvado que descia até à fronteira do prado silvestre. Era um sábado de abril. O céu estava azul, a brisa, ligeira, e ouvia-se um pássaro a cantar por cima do ruído do trânsito ao longe. Um daqueles dias luminosos e frescos que preenchiam de esperança a primavera.

— Assim farei. E obrigada pela conversa. Lembre-se do que lhe disse, não se ponha com pressas quando está a tocar. Demore o tempo que for preciso... Lento e seguro. Há de lá chegar.

— Sim — disse Wilbur. — Suponho que sim.

Sentiu-se um pouco zozzo. Um pouco nauseado.

Ergueu um braço frágil, abriu o portão e acenou-lhe quando ela partiu pela estrada rural, para em seguida percorrer a curta distância até casa.

Há dois anos que Wilbur tinha aulas de piano, desde que vira um anúncio na montra de uma loja de artigos musicais. O médico falara-lhe na importância de aprender coisas novas, agora que entrara na casa dos 80, e ele ansiava pelas suas aulas semanais.

Uma vez dentro de casa, caminhou pelas lajes do chão e atravessou a grande sala de estar até ao piano.

Sentiu-se novamente estranho. Desta vez, havia uma pressão no ombro esquerdo, mas depois passou e ele sentou-se e começou a praticar a peça de estudo, lembrando-se de não se apressar.

A música conseguia entretecer-se ao longo de décadas como nenhuma outra coisa. Uma canção, afinal, era uma agulha a puxar pelo fio do tempo, cosendo momentos isolados que transformava num todo. Era agridoce. A agulha podia ferir. E esta peça carregava demasiadas memórias. No entanto, a vida dele era o que ele era. Tinha a vida que tinha.

Ia a meio da peça, esforçando-se para alcançar um mi bemol com o dedo mindinho, quando o telefone tocou. A linha fixa. Demorou algum tempo a chegar junto do aparelho. As pernas já não eram as mesmas. Nada era. Preparou-se para uma chamada de vendas, ou uma daquelas vozes de robô a tentar intrujá-lo. Basicamente, eram os únicos telefonemas que recebia nos últimos tempos.

Mas não. Não era um robô nem ninguém a tentar intrujá-lo. Não tinha nada que ver com marketing nem com inteligência artificial.

— Estou? Estou a falar com o Wilbur?

Era uma voz que ele não ouvia há muito tempo. Décadas, na verdade. Parecia um pouco mais ténue. Um pouco mais fraca. Mas era ela, sem sombra de dúvida.

Maggie

— Maggie. Oh, céus. Maggie, és tu?

Tropeçou ligeiramente e deixou-se cair na cadeira mais próxima. Do outro lado da sala, havia uma fotografia de casamento empoleirada por cima da lareira, encaixada entre troféus de Empresário do Ano Britânico. Wilbur e Maggie a saírem da igreja.

— Sim, sou eu.

— Onde é que arranjaste este número?

Arrependeu-se logo de ter perguntado. Parecia estar à defensiva. Aquilo que ele mais queria era que ela tivesse o seu número, e que lhe telefonasse, mas saíra-lhe tudo mal.

— Foste tu que mo deste, não te lembras? Enviaste-me uma mensagem no Facebook há seis anos.

— Oh. Oh, sim. Sim, sim, pois dei. Pois dei. Pensava que não tinhas visto essa mensagem.

— Vi, sim. Não uso o Facebook, mas vi-a. Só não sabia o que dizer...

Wilbur estava a sentir novamente a pressão no ombro. Olhou fixamente para a fotografia de casamento pela lente distorcida que era o acrílico de um dos seus troféus. O riso de Maggie e o sorriso descomplicado de Wilbur. No papel, o casamento deles durara vinte anos. Embora, se ele fosse sincero, tivesse acabado muito antes. Mas, naquela altura, ia ser para sempre.

— Onde estás?

— Estou em Sheffield. E tu? Bedfordshire, não é?

— Sim. Clophill. É uma aldeiazinha adorável. — Ele quase acrescentou: *mas solitária*. — Maggie, que bom ter notícias tuas.

Era estranho. Depois de todos aqueles anos, ele não sabia como falar com ela. Era como se a passagem do tempo trouxesse a sua própria formalidade. Como é que uma pessoa ao lado da qual dormimos todas as noites se podia tornar uma estranha ao longo de anos de silêncio? Como se, tirando breves interlúdios, o estado normal da humanidade implicasse estarmos impossivelmente longe uns dos outros.

Ele tentou novamente.

— Há tanto tempo que tenho muita coisa para te dizer. Para te perguntar. Para me desculpar...

— Não sejas tonto, Wilbur. Isso são águas passadas...

— É engraçado que digas isso. Comecei a tocar piano. — Ele baixou o olhar para as mãos marcadas pelo tempo. As veias pareciam um mapa de uma cidade desconhecida. — Tenho aulas todos os sábados. E estava precisamente a tocar «Bridge Over Troubled Water» e a lembrar-me de como gostavas dessa canção. Fez-me voltar ao passado.

— Os bons velhos tempos.

— Sim. Os bons velhos tempos...

— Wilbur. *Wilbur*.

Aquele segundo chamamento teve uma certa firmeza. Ele deu-se conta de que estava simplesmente a tagarelar sem lhe perguntar como estava.

— Desculpa, Maggie. Como estás? Já passou tanto tempo. Vi na Internet que tiveste uma exposição de arte na...

— Oh, isso foi há muitos anos — disse ela, quase acanhada. — Já quase não faço nada.

Ele temeu que ela lhe fosse dizer que estava a morrer. Essa parecia ser a principal razão para as pessoas do seu passado entrarem em contacto com ele. Para lhe dizerem que estavam a morrer, ou que outra pessoa qualquer estava a morrer.

— É mesmo uma tolice.

— O que é que é uma tolice?

— Este telefonema.

— É bom ter notícias tuas.

— Bem, não tenho motivo nenhum para te telefonar. Na verdade, sempre disse a mim própria que não o faria...

— Oh. Pois. Sim.

— Não por despeito, nem nada do género. É só porque... é um bocado triste, não é? Mas depois, aí há uns tempos, achei que seria... bem, queria ouvir a tua voz. O que parece ridículo.

— Não. De todo. — E depois ele sorriu. — A minha voz é bastante especial.

A ligeira gargalhada dela acabou com uma entoação triste.

— Bem, ainda tens um bocadinho de sotaque. Um bocadinho.

— Um bocadinho.

— Suponho que podia ter ouvido um dos teus discursos na Internet. Ou uma das tuas entrevistas na televisão.

— Oh, não ias querer isso...

— Só queria ouvir-te.

Ele lembrou-se de ter estado sentado ao lado de Maggie num banco de jardim enquanto ela desenhava o lago, uma eternidade antes.

— Estou aqui. Tenho tantas coisas para te perguntar. Há tanto que gostava de saber.

Fez-se um breve silêncio. Ele imaginou-a a pensar: *Se ao menos tivesses sido sempre assim.*

Pensou em todas as coisas que não sabia acerca dela. Todos os mistérios que tinham sido criados pelas décadas que haviam passado longe um do outro. Teria ela um companheiro? Alguma vez teria tido algum? Era feliz? Fizera amigos novos? Teria ainda alguns dos antigos? Que programas via? Como passava os dias? Como era a sua qualidade de vida? Como estava de saúde?

Ainda conseguia mexer-se bem? O que pensava sobre o estado do mundo? Como era a vista da sua janela? Alguma vez provara *matcha*? Como *estava* ela?

— Não sei se quero contar-te alguma coisa sequer, para ser sincera — disse-lhe ela.

Ele sentiu a mente enevoada.

Fitou durante mais algum tempo a fotografia do casamento. O sorriso de Maggie banhado por aquele sol de agosto, conforme ela saía da Igreja de São Timóteo debaixo de uma nuvem de confetes. Tanta felicidade. Os antigos amigos deles a enquadrarem a fotografia — Charlie, Claudette, Doreen. Apenas nomes agora. Pessoas que ele nem sequer sabia se estavam vivas. A fragilidade do passado.

— Sonhei contigo ontem à noite — disse Maggie. — Conosco. Não aconteceu grande coisa no sonho. Mas foi tão vívido. Foi antes de Londres. Estávamos na casa de Broomhill, a conversar, como se não tivesse passado tempo nenhum. Mas estávamos felizes. Tão felizes. É uma tolice. Pergunto-me porque é que, ontem à noite, foi...

— Oh, Maggie. Eu também sonho connosco.

— Nem sequer me lembro dos sonhos, mas hoje de manhã lembrava-me. Desculpa. Acho que agora é melhor desligar. Isto é demasiado. Só preciso de...

— Acabaste de... — Wilbur travou-se. Queria dizer-lhe para se manter em linha. Era uma tortura ouvi-la apenas durante alguns minutos e depois acabar tudo tão depressa. Mas ele sabia que ela não lhe devia absolutamente nada. A vida era como era. Ninguém podia mudar o que tinha acontecido. E tanta coisa tinha acontecido. Era simplesmente o que estava destinado.

Ainda assim, ele não se conseguiu impedir.

— Gostava de voltar a falar contigo. Pode ser?

— Sim — disse ela, com a sua voz frágil e envelhecida. — Isso seria bom.

Um Fragmento

Ele pousou o telefone e descobriu que, de repente, tinha ficado sem fôlego. Como se tivesse corrido uma maratona. Mas sentiu o súbito desejo de encontrar uma coisa. Queria a carta dela. Uma prova do tempo que haviam passado como casal, ou antes, o primeiro registo da separação deles.

Há muitos anos que não olhava para essa carta. Estava debaixo do beiral do sótão, atrás de uma porta. Dirigiu-se para lá e agachou-se de mãos e joelhos no chão para se enfiar mais para dentro do armário, passando por um caos de contas antigas e revistas de especialidade. Havia partículas de pó a flutuar em torno da sua cabeça como uma galáxia em miniatura.

— O que estás a fazer, Wilbur? — murmurou para si próprio.
— Que velho tonto.

Depois, encontrou-a. Ou, pelo menos, uma das suas páginas. A última página. Tentou, sem sucesso, encontrar as outras, ignorando o facto de que se sentia cada vez pior. Nesse momento, já estava a arfar e tinha a cabeça a andar à roda quando se pôs de pé. Recompôs-se e desceu as escadas com a página amarelada na mão.

A Última Página da Carta de Maggie

... estás sempre noutro lado qualquer, mesmo quando estás ao meu lado.

É importante para mim não sucumbir à fantasia. Até tenho dúvidas de que alguma vez vá viajar pelo mundo. Imagino que ficarei consumida a tomar conta das necessidades cada vez maiores do meu pai em Sheffield.

Seja como for, isto não é fácil.

Sei que pensas que sou forte, mas não sou.

Neste momento, sinto-me tão frágil como uma folha ao vento.

Parece que tenho estado a suster a respiração ao longo de toda esta carta.

Sinto que, se deixar sair o ar, vou começar a chorar e nunca mais vou parar.

Sei que passaste por muito quando eras mais jovem, tal como eu. Mas não podemos ficar aprisionados nisso para sempre. Não te posso consertar. Nem sequer a mim me consigo consertar.

Isto dilacera-me o coração. Mas, por vezes, temos de permitir que o nosso coração se parta para conseguirmos manter-nos vivos.

Quero que compreendas isso.

Quero que compreendas também que o nosso amor existirá sempre. Lembras-te da minha teoria tonta da arte? Que as pessoas envelhecem em redor da arte enquanto a arte se mantém viçosa?

Bem, penso que, de certa forma, isso é verdade em relação à memória. Não sei como explicar isto, mas gosto de acreditar que, de alguma forma, continuamos no teatro, quando vieste ter comigo. Ou no dia do nosso casamento. Ou na nossa lua de mel. Ou a olhar para as estrelas numa noite embriagada. Ou felizes, a colar o papel de parede em Broomhill.

Amo-te, Wilbur.

Mas também te vou deixar.

Não sei onde o passado se esconde, mas hei de te encontrar por lá.

Maggie

x

A Quilómetros de Distância

Conforme lia aquelas palavras, Wilbur foi invadido por uma dor no pescoço que lhe desceu pelo braço, acompanhada por um desconforto no peito. Quando chegou ao fim da carta, a dor era tão intensa que consumia tudo o resto, fazendo com que aquilo que o rodeava parecesse estar a muitos quilómetros de distância. Foi a cambalear até à rua para pedir ajuda a Josh, o jardineiro, que estava ocupado com o corta-relva. Wilbur embateu na relva antes de perder os sentidos, enquanto a carta jazia sobre os mosaicos da cozinha para nunca mais ser lida.

A Estação de Wilbur

Wilbur não viria a acordar na ambulância. Não viria a acordar no Hospital de Bedford. Passava um minuto da meia-noite quando o seu coração bateu pela última vez.

Tinha morrido.

O mais interessante sobre a morte é o facto de não *pensarmos* que estamos mortos quando estamos efetivamente mortos. Tal como a vida, é algo que chega como um facto evidente por si mesmo.

Isso não quer dizer que não tenha sido confuso. Ou perturbador.

Certamente foi isso que se tornou.

Contudo, inicialmente, no momento a seguir a ter morrido, ele sentira uma luz.

Não era, na verdade, a luz branca de que ouvira falar. Não era algo para onde se dirigisse, mas algo que já lá estava. Era mais de um tom amarelo-claro, como o sol através de uma camada espessa de nuvens.

Sentiu uma fugaz sensação de calma.

Uma harmonia.

Talvez fosse isto. Talvez tudo acabasse assim. A pairar numa luz dourada por toda a eternidade. Uma alma suspensa num vazio feliz.

Uma existência sem tempo, sem pressão ou preocupação.

Mas foi então que começou a cair sem nada por baixo de si, ganhando uma espécie de peso até aterrar novamente dentro de si próprio. Ou algo que lhe pareceu que era ele próprio. Algo que parecia ser um corpo. Olhou em redor. Encontrava-se agora num lugar mais escuro, mas continuava a ver bem. Havia uma parede de tijolo vermelho atrás dele e pavimento por baixo. Pareceu-lhe semelhante à primeira estação de caminhos de ferro que conheceu, só que, em vez de uma tabuleta a dizer «Sheffield», havia uma placa que dizia «Wilbur».

A forma como ele estava a experienciar o seu momento de morte era uma espécie de estação de comboios.

Uma plataforma vazia no meio de nenhures. Sem nenhum comboio.

— Isto é... — começou ele, arquejando. Mas estava demasiado chocado para acabar a frase. Só o facto de estar a falar já era um choque. A sua mente reverberava como se tivesse assistido a um gigantesco choque cósmico de címbalos.

O chão pavimentado terminava abruptamente diante dele, mergulhando até aos carris de aço e às chulipas de madeira de uma linha ferroviária.

Viu qualquer coisa a rodopiar pelo ar.

Um pedaço de um pequeno cartão retangular. Esticou a mão para o apanhar. Era um bilhete, com as seguintes palavras datilografadas.

Bilhete Só de Ida
O Comboio da Meia-Noite
Partida: 00:01 Domingo 19 de Abril

— Está aí alguém?

Mas não havia ninguém por ali. Não havia nada a fazer a não ser esperar.

O Comboio da Meia-Noite

O mais estranho de tudo, dado tratar-se da morte, era o facto de estar a respirar melhor do que respirava havia muitos anos.

Não se tratava — obviamente — de respirar *a sério*. Mas a sensação que lhe dava era essa. Alguma espécie de memória processual da alma. Tal como sentia o próprio corpo. Mas, não. Não era, na verdade, a sensação que experimentava quando se encontrava dentro do seu corpo verdadeiro. Este corpo em que agora estava não tinha dores, nem rigidez. Parecia-lhe que os seus dedos seriam capazes de tocar piano com muita facilidade.

Olhou para baixo e viu que trazia vestidas umas calças de ganga à boca de sino, uma camisa de manga curta de poliéster verde e um blazer leve com grandes lapelas. Os dedos dos pés espreitavam de sandálias que ele não usava desde os anos 70. Não tinha joanetes. Olhou para os braços, bronzeados e jovens.

Tocou na pele jovem do rosto. Não *muito* jovem — sentia os pelos da barba feita a despontar — mas firme, e com pouca textura. Exceção feita às duas grandes patilhas.

Havia uma energia a palpitar dentro de si. Era uma coisa espantosa. Uma espécie de chama que tremeluzira e se esbatera ao longo dos anos, que agora regressava, pronta para ser valorizada. Era esse o grande problema da vida: apresentava-nos os dias em sucessão, de modo que cada milagre que deveria ser acarinhado se tornava a norma e acabava por ser ignorado. Mas agora sentia isso de novo.

Sentia-se *vivo*.

Em seguida, ouviu algo no ar.

Um som lamuriante que ia crescendo lentamente.

Um ruído mecânico de um motor. Um ritmo crescente cuja força aumentava, acompanhado por um apito. Um comboio.

Conforme o comboio se aproximava, Wilbur viu nuvens de fumo. Era uma locomotiva a vapor. Reconheceu-a especificamente como uma locomotiva de passageiros expresso de três cilindros, com carruagens a reboque. Ele sabia isso porque, em criança, tivera um comboio exatamente como aquele, só que em miniatura. Era a menina dos seus olhos. *O Duque de Gloucester*. Parecia igualzinho, mas maior, a reluzir em toda a sua magnificência de um profundo azul-escuro.

No entanto, em vez de ter *Duque de Gloucester* escrito na placa de identificação cinzenta junto à caldeira, dizia, em letras pretas bem marcadas:

O COMBOIO DA MEIA-NOITE

Da primeira carruagem saiu uma pessoa.

Uma mulher antiquada, mas que não parecia particularmente idosa.

Estava vestida ao estilo de um tempo mais antigo. Possivelmente da mesma altura que o comboio. Saia travada comprida, blusa recatada, chapéu *cloche* na cabeça. Tinha uma postura perfeita e uma boca pequena e austera. Pareceu-lhe reconhecê-la de algum lado.

— Ora muito bom dia, estava à tua espera — disse ela, com uma voz ligeiramente trémula, num inglês seco e antiquado que lhe foi instantaneamente familiar, mas cuja origem não conseguia situar.

— Peço desculpa — disse Wilbur. — Perdoe-me a pergunta, mas *quem é* a senhora?

— Podemos tratar-nos por tu. Sou a Agnes, e este é o Comboio da Meia-Noite.

A morte, ao que parecia, também implicava a morte do senso comum.

— Peço imensa desculpa — disse ele. Exasperado, desorientado, assustado. — Mas, e perdoe-me a pergunta, de que diabo está a falar?

Aquilo de que Agnes Estava a Falar

— Quando entravas na Livraria Bagdale, quando eras criança, muitos anos antes de lá trabalhares, encontravas lá uma senhora de idade que, anteriormente, geria a loja — disse Agnes. — Essa senhora era eu.

— Senhora Bagdale! — exclamou Wilbur, conforme as peças se encaixavam na sua cabeça.

A Sra. *Agnes* Deborah Amaryllis Bagdale, da Livraria Bagdale, na Commercial Street, em Sheffield. No tempo dela — antes de Wilbur ter conhecido a loja —, a livraria era uma delícia por dentro, mas muito discreta por fora, tirando o facto de ficar ao lado de uma padaria. Os transeuntes que paravam para dar uma vista de olhos aos livros na montra também inalavam o cheirinho do pão, que tinha o efeito bastante mágico de dar às histórias para as quais olhavam um adequado aroma de algo acabado de sair do forno.

Era uma livraria que prosperava por três motivos.

Em primeiro lugar, não havia concorrência; era a única livraria numa cidade de quase quinhentas mil pessoas.

Em segundo lugar, era o tipo de loja onde ninguém se sentia intimidado ao entrar. Em parte, porque havia uma cadela *fox terrier* de pelo cerdoso chamada *Clementine*, que passava o tempo deitada nos pedacinhos de chão que não tivessem sido colonizados por pilhas de romances policiais.

E a terceira razão, a principal, era a dona da loja, a própria Sra. Bagdale. Ela era de Norwich, mas mudara-se para Sheffield e abriu a livraria depois da morte do marido nas trincheiras em Ypres.

Agnes Bagdale adorava livros e adorava pessoas, e acreditava que a vida podia ser melhor se houvesse mais pessoas a ler histórias de mistério. Além disso, ou por causa disso, tinha uma habilidade quase sobrenatural para emparelhar a pessoa certa com o livro certo. Conseguia conversar com um operário de uma siderurgia que não lia um livro desde que era criança e saberia dizer, no espaço de um minuto, qual seria o livro perfeito para ele. Se houvesse um certo brilho nostálgico no seu olhar, podia dar-lhe *A Máquina do Tempo*, de H. G. Wells, por exemplo. Se demonstrasse um interesse particular por *Clementine*, podia recomendar-lhe *A História do Doutor Dolittle*, de Hugh Lofting.

— Os livros — disse ela uma vez — são os espelhos da alma. Por isso, se conseguirmos ter um vislumbre da alma de alguém, saberemos qual é o espelho certo para essa pessoa.

A livraria tinha prosperado. No entanto, com o passar do tempo, a saúde de Agnes começou a deteriorar-se e Arthur, o filho dela, acabou por tomar conta do negócio. Agora, Arthur Bagdale era um homem esforçado, mas simplesmente não tinha o jeito da mãe para vender livros, nem o seu charme. Assim, ao longo de várias décadas, a paixão, as recomendações personalizadas e a cadela *fox terrier* foram sendo substituídas por uma sensação de *ponto morto*.

Ainda assim, Wilbur sempre gostara da loja quando lá ia nos anos 50, em criança, muito depois de Arthur — o Sr. Bagdale, como ele o conhecia — ter assumido o negócio. Wilbur adorava lá estar, mesmo que o Sr. Bagdale ralhasse com ele por nunca comprar nada.

E tinha visto Agnes Bagdale algumas vezes, já velhinha, com pieira por causa da sua bronquiectasia, sentada numa cadeira a ler

um romance de Raymond Chandler ou de Patricia Highsmith, ou outro perturbador romance policial qualquer. Muitas vezes, ralhava com o filho por causa da forma como ele geria a loja, pela sua recusa em seguir os princípios dela em termos da venda dos livros, ou simplesmente dizia-lhe para tratar bem Wilbur.

E aqui estava ela agora, diante dele. A senhora bondosa, mas temível, possivelmente inflexível, que ele conhecera, a fotografia envelhecida nas traseiras do armazém da Bagdale.

— Trata-me por Agnes, por favor.

Wilbur tinha agora 81 anos, e estava morto, mas anuiu com a cabeça como um rapazinho de escola a quem tinham ralhado.

— Desculpa, Agnes.

— Conheceste-me perto do fim da minha vida, mas a pessoa que estás a ver agora sou eu em 1921. No meu auge! — confirmou Agnes. — Quando eu era feliz, um ano antes de abrir a loja.

— Certo.

Uma breve tristeza cruzou o rosto dela. Um remorso demasiado profundo para lhe dar voz. Recompôs-se com uma inspiração profunda e rápida e endireitou as costas. E depois contou-lhe tudo.

A Escolha de Agnes

— Sou um fantasma. Mas não sou um fantasma qualquer. Estou aqui para te servir de guia ao longo da vida. Aquela que acabaste de viver.

— Mas...

— Sabes, rapaz, eu sei que morreste aos 81... mas olha para ti. Lindo e jovem.

Ele olhou novamente para a pele lisa das suas mãos.

— Eu sou, digamos assim, o teu manual de instruções pessoal. E o Comboio da Meia-Noite é simplesmente a viagem que toda a gente faz no final da sua vida. Nem sempre é num comboio. Mas é, geralmente, num meio de transporte. No caso do teu pai, foi num avião.

Wilbur pensou no que ela acabara de dizer. Soava-lhe familiar. Tivera uma conversa recentemente com alguém sobre a vida depois da morte, mas não conseguia lembrar-se dos pormenores. Era estranho. Como é que conseguia lembrar-se de coisas passadas várias décadas antes, como Agnes Bagdale, mas os dias anteriores à sua morte estavam tão pouco nítidos? Era como se a morte fosse uma névoa que se espalhava e se dissipava lentamente atrás de si.

— Como é que sabes tudo isto?

— Como já disse, não sou um fantasma comum. Ao assumir este papel, ao escolher ajudar-te, foi-me dado conhecimento.

Sou, por assim dizer, o espírito de Agnes Bagdale. Mas com alguns extras com os quais pareço ter sido abençoada para poder guiá-
-te. Uma pessoa transpõe as paredes da eternidade e acontece-lhe isto. Suponho que possamos dizer que sou a alma de uma livreira combinada com a realidade do tempo e do Universo. Por isso, tenho conhecimentos sobre todo o tipo de coisas. Sobre ti, principalmente.

— Mas o que é *isto* ao certo?

— Isto é a morte. A altura em que a vida te passa diante dos olhos. É assim que acontece. Com rapidez e lentidão. Como a vida...

Embora Wilbur aceitasse a realidade da sua morte, demorou algum tempo a aceitar os pormenores. Lançou um olhar furioso a Agnes.

— Não. Para com isso! Isto não é real. Isto é algum tipo de delírio, uma reflexão tardia... uma espécie de falha momentânea do cérebro depois da morte...

Ele tentava convencer-se de que ela era certamente algum tipo de alucinação mortal, e não era má educação ser-se rude para uma alucinação. Ainda assim, sentiu-se mal pelo tom que tinha usado.

Ela sacudiu um pequeno tufo de cotão do ombro e esboçou-lhe um sorriso breve.

— Ouve, Wilbur, a realidade é diferente na morte. E demoramos algum tempo a habituar-nos. Dentro do comboio, estarás no mundo dos Mortos. Mas quando o comboio parar, Companheiro, irás voltar atrás no tempo. Como fantasma. De volta a um mundo dos vivos muito real. Depois, chegarás à última paragem: a *eternidade*.

— A eternidade? Referes-te ao Céu?

— Bem, isso depende.

— De quê?

— De quão celestial te parece a ideia de voltares a ver pessoas.

— Isso quer dizer que posso ver a Maggie lá?

— Quando ela morrer, sim. Sim, vais vê-la. Outras pessoas também. Pessoas que conhecestes em vida. O teu irmão Dougie, por exemplo...

Ele abanou a cabeça, incrédulo.

— Na verdade — especificou Agnes —, na eternidade verás quem quiseres ver. Serás livre. E feliz, ou poderás vir a ser... tudo e mais alguma coisa.

— Poderei vir a ser?

— Sim. A felicidade está dependente da forma como vês a tua vida. É esse o grande objetivo deste comboio. Serve para te ajudar a compreender a tua vida... a perceberes realmente o que foi. Agora chegou a tua hora, Companheiro. O bilhete, por favor.

Ele olhou em redor. Reparou que a estação de comboios não era propriamente uma estação. Era apenas uma plataforma. E a plataforma era pouco maior do que o comboio. O chão pavimentado acabava numa linha irregular, como uma folha de papel rasgada, e para lá desse ponto não havia nada.

Aquele lugar parecia suspenso no cosmos.

Não havia literalmente mais sítio para onde ir.

Por isso, após pensar durante alguns segundos, Wilbur avançou na direção de Agnes e entregou-lhe o bilhete. Sentindo-se apreensivo, entrou a bordo do comboio.

O Céu Amarelo

Era um cenário à moda antiga. Em vez de filas de assentos, havia apenas dois bancos compridos almofadados de frente um para o outro. As almofadas eram revestidas por um elegante veludo verde. O soalho era de madeira envernizada. As paredes, em torno das janelas, tinham painéis de madeira escura.

O comboio começou a sua marcha. Ao início, avançou suavemente, e Wilbur deixou-se ficar de pé, com uma postura rígida, a olhar pela janela.

Viu a placa a dizer «Wilbur» a sair do seu campo de visão.

— Lá vamos nós — disse Agnes, com um sorriso.

Hesitante, ele esperou para ver o que se iria passar quando o comboio deixasse a plataforma e avançasse na direção do nada.

E o que aconteceu foi que entrou numa espécie de escuridão rodopiante, onde um lampejo de luz ocasional serpenteava pela negritude como fios de algodão.

Wilbur reparou, então, no seu reflexo.

Foi um choque.

Era efetivamente um jovem outra vez. O seu rosto era suave, com exceção das patilhas largas. O cabelo chegava-lhe aos ombros. E não só era castanho-acobreado ao invés de grisalho, como tinha recuperado algum do seu antigo movimento. Wilbur tinha uma boa postura. Parecia a sua versão de 1974. Saudável de uma forma levemente *hippie*. Naquela altura não gostava do seu visual,

mas agora dava-se conta de que, naqueles tempos não tinha nada mau aspeto. Empertigou-se.

— Calma — murmurou, quando o comboio se sacudiu, com bastante violência, durante alguns segundos, e o fez cair num assento.

— Estás com a idade em que mais te aproximaste do teu verdadeiro eu — disse Agnes. — É uma particularidade dos fantasmas e, na minha opinião, até é bastante agradável. Sou uma sentimental...

Wilbur baixou os olhos para a camisa de manga curta e para as calças de ganga à boca de sino. Lembrou-se de ter visto aquelas peças de roupa em fotografias.

— *Veneza* — disse ele. A primeira ida ao estrangeiro. — Tenho a idade que tinha quando fui em lua de mel. Tenho 29 anos.

— Sim, portanto, isso significa que foi nessa altura que tu foste, bem, que foste mais *tu*.

Ele virou-se de novo para a janela. Era como olhar para um quadro impressionista muito invulgar.

Viu um céu bilioso, de um amarelo sinistro. Como pano de fundo, um borrão indecifrável de pessoas e objetos. Mas, em primeiro plano, as coisas eram um pouco mais nítidas.

Edifícios que não pareciam bem fixos e que oscilavam ligeiramente, mais como barcos no mar alto do que estruturas solidamente fixas à terra.

— Então, onde estamos? Para onde vai este comboio?

— Não é para onde, Wilbur — disse ela, com um riso desconsolado. — É para *quando*?

O Verdadeiro Eu

Não era de noite, mas também não era de dia, nem era nada entre uma coisa e a outra.

O céu, como Wilbur viria a perceber rapidamente, era como a própria memória. Podia conter tudo ao mesmo tempo.

Um avião de guerra inclinou-se num ângulo perigoso.

— Aquele é o avião do teu pai... aquele que ele tentou pilotar por entre o fogo inimigo.

Wilbur olhou, espantado, para o velho *Furacão*.

— O quê? Como é que sabes isso?

— Já te disse. Sou o Universo. Não quero que isto soe a falta de modéstia, mas sei tudo sobre o teu passado, mesmo antes de ser o teu passado... E aquilo que estamos a ver agora são as memórias que nunca viveste, mas que estão dentro de ti, factos entranhados em ti mesmo antes de teres ouvido falar deles.

O avião explodiu no céu e desapareceu. Wilbur procurou-o, mas já não estava lá, e ele sentiu a sua ausência com uma tristeza renovada. Imaginara aquele acontecimento milhares de vezes, passara um sem-número de horas, quando era criança, a olhar fixamente para as nuvens e a pensar nele, a interrogar-se sobre o que o pai teria pensado nos seus derradeiros momentos. Era estranho sentir a perda de alguém que não chegara a conhecer. O homem que tinha morrido como um herói uns meses antes de ele nascer. Era como ver a ondulação num lago sem ter visto

a pedra que a causara. E era ainda mais estranho aperceber-se agora da rapidez da morte do pai, tendo em conta a quantidade de tempo que tinha passado a pensar nela.

Sentiu um pânico a apertar-lhe o peito. Uma tristeza avassaladora e agonizante, como se tivesse acabado de acontecer.

Instintivamente, fechou os olhos. Agnes falou para ele.

— Reconheço que é muito para assimilar. Eu percebo isso. Mas tens de olhar pela janela onde isso for possível. Não pretendo ser pedante, mas o objetivo de teres a vida a passar-te diante dos olhos é conseguires vê-la.

Por isso, Wilbur obrigou-se a olhar.

No lado de fora, as coisas tornavam-se um pouco mais reais. Uma cidade começava a tomar forma. Os telhados baixos das moradias em banda. Um campanário ao longe. A torre do relógio dos Paços do Concelho. Wilbur reparou que a paisagem deixara de oscilar.

E foi então que, com um suspiro e um chiar mecânicos, o comboio se deteve.

— Então, o que é que acontece agora? — perguntou Wilbur, com o coração ainda a bater descompassado por ter acabado de testemunhar a morte do pai no céu.

— Sais do comboio. E depois, quando tornares a ouvi-lo, entras outra vez. Na verdade, é muito simples.

Pela janela, ele viu um muro partido e uma extensão de escombros. De início, não viu mais nada.

Agnes sorriu, como uma mãe apreensiva junto ao portão da escola.

— Vai lá, Companheiro. Tens o passado à tua espera. Mas promete-me uma coisa: voltas para o comboio quando ele chegar. Prometes?

Wilbur não tinha nenhum motivo para não regressar ao comboio. Afinal, não queria perder a eternidade.

— Prometo.

Então, encaminhou-se para a porta na parte da frente da carruagem e preparou-se para sair.

SE A VIDA NOS PASSASSE DIANTE DOS OLHOS, ONDE ESCOLHERÍAMOS FAZER UMA PARAGEM?

Ninguém pode mudar o passado, mas o Comboio da Meia-Noite pode levar-nos lá, dando-nos a oportunidade de reviver os momentos mais importantes da nossa existência e mostrando-nos que tipo de pessoa realmente somos.

No caso de Wilbur, os seus melhores momentos foram com Maggie, o seu grande amor, na lua de mel em Veneza, antes de a sua vida dar uma grande volta.

Agora, ele desejava poder voltar atrás e viver de modo diferente, mas isso implicaria colocar tudo em risco.

UMA HISTÓRIA DE AMOR QUE ATRAVESSA OS TEMPOS,
NO MESMO UNIVERSO DE A *BIBLIOTECA DA MEIA-NOITE*.



Penguin
Random House
Grupo Editorial

penguinlivros.pt

  penguinlivros

ISBN: 978-989-589-678-3



9 789895 896783